

# SINGULARIDADE E DIÁLOGO

**NILSON SANTOS**

O diálogo representa o encontro de consciências, é expressão interior que se exterioriza. Somente posso ter encontro de consciências se os elementos que participam do diálogo não se posicionarem como superiores ou inferiores, como mais importantes, ou como meros espectadores, porque o encontro das consciências se assenta numa relação de confronto entre iguais, não como relação de respeito e submissão.

O respeito comumente é tomado não como a atitude de levar em consideração o que outros dizem, mas como a postura do ouvinte de não permitir vozes que não a do outro, o que implica em não discordar do seu interlocutor, tornando intocável o que é dito, sendo tomado como verdade.

Não pode haver no diálogo hierarquia de contribuições. Para que permitamos o legítimo encontro de consciências é necessário que a contribuição de todos possa ser levada em consideração, como a expressão da singularidade de cada um. Não há singularidade mais importante, pois todos representam as impressões da consciência.

O diálogo é expressão do interior que se exterioriza e representa o momento em que a individualidade se materializa. No diálogo o manifesto é tomado como elemento de consideração por outros, como provocação para a busca profunda da significação das coisas. As representações das outras consciências podem me revelar passos, significados ou atitudes que devem ser levados em consideração, ampliando a expressão singular.

Todo diálogo é modificador da estrutura interna, sendo, então, possível estabelecer a diferença radical entre a conversa e o diálogo. Na maior parte do tempo, trocamos informações, orientamos e somos orientados, porém, esta troca não necessariamente modifica a estrutura interna de compreensão. Não toca a singularidade. Se restringe à revelação de algo comum, não informa sobre particularidades, não compromete paradigmas, não instiga nova atitude diante das coisas.

Uma das primeiras expressões do diálogo como modificador aparece nos Diálogos de Platão, onde seria impossível supor que, após a narrativa dos diálogos em que Sócrates era um dos personagens centrais, todos saíssem como entraram, que pudessem negar o momento em que penetraram, onde cada um fora enredado, num profundo movimento da consciência em busca do estabelecimento dos significados.

Seria falso afirmarmos a negação da ação transformadora do diálogo na modificação da estrutura interna, e por conseguinte da atitude diante do mundo. Assim, nem mesmo Sócrates teria sido capaz de, ao término do diálogo, pensar da mesma maneira que no seu princípio, pois era justamente no confronto que as novas faces do problema eram reveladas e investigadas. Era este o momento em que a consciência de Sócrates e dos seus interlocutores se encontrava consigo mesma; era através desta provocação, da contradição apontada por outras consciências, que novas estruturas eram concebidas, e que as singularidades afluíam.

Carregando esta alegoria para a sala de aula, é possível afirmar que é realizado diálogo, quando a estrutura interna, de alunos e professores, se enche de novas perspectivas, provocando o maravilhar-se diante do mundo, instigando o abandono do patamar comum, exaurindo formas anteriores, obrigando a revelação da face singular das nossas reflexões. É perceptível então, a veracidade do diálogo na medida em que cada um exerce sua singularidade. Novos desafios obrigam novas exterioridades, reflexo do envolvimento da força singular e do processo de busca do grupo.

A expressão da ausência de diálogo é evidente quando imbuído apenas do espírito de falar e não ouvir, de revelar sua singularidade, sem levar em conta os novos desafios, expressos na singularidade de outros. Esta atitude não se acentua no exercício ilhado da busca, como se a instauração do mundo dependesse somente do ato individualizado, de quem se sente num patamar acima, revelando atitude imprópria a quem pretenda encarar os desafios do diálogo.

A educação fundada no diálogo humaniza o mundo, pois torna consciente o que seja significativo da singularidade, e também da práxis social do grupo ao qual pertença. Recobra ao homem o papel de designar significados às coisas, destrói a relação mecânica entre sujeito e objeto, onde o

objeto sempre tem algo a revelar ao sujeito. Restitui ao sujeito a possibilidade de instaurar o significado das coisas, recombinao o mundo de acordo com a condiçao singular e social a qual está envolvida.

O diálogo instaura a objetividade, rompe com o individualismo interpretativo, e não aceita a esttica e nem a metafísica do mundo, pois entende o ato criador como a revelaçao de interioridades;  desta condiçao singular que temos a consciência viva e criativa do homem, submetida a uma práxis social que vai estabelecer elementos comuns da construçao do mundo tornado humano, e tomado de conteúdos reconhecidos pelo homem como procedentes. O homem não  iluminador do mundo, mas seu demiurgo.

Quem reconhece os exemplos, os contra exemplos, as comparaçoes, a hierarquizaçao, a associaçao, as causalidades, reconhece-os, por conseguinte, como estruturas valorativas do conhecimento. Dialeticamente os instauramos e depositamos neles a verdade. A nossa sociedade, por exemplo, se apoia na comparaçao e a levou às últimas conseqncias. Comparamos tudo, e, desta forma, tudo se torna mercadoria.  possível comparar tecido e madeira, açúcar e janelas, obras de arte, o valor de idéias a objetos, até mesmo sacerdotes e reis. Todas as relaçoes e significados são retirados, menos um: o de estabelecer equivalentes para tudo, evidenciando primeiramente seu valor de troca, e transformando tudo em mercadoria.

A sala de aula atenta a singularidade, por ultrapassar a exterioridade, garante o diálogo de consciências; por ultrapassar as informaçoes sensoriais do mundo, escapa da expressao comum, garantindo não o diálogo dos conceitos, dos objetos, dos valores, mas sim das consciências.

A educaçao frágil simplesmente reproduz a sociedade, pois prescinde do diálogo e informa como as coisas são. Através do livro didático, tenho a possibilidade de dizer o ser das coisas, apresento a realidade tal como a nossa sociedade compreende, como pré-existente ao próprio homem. A História aparece como já acontecida, cabendo ao homem revel-la por intermédio de um método que seja expressao da realidade, não das paixoes do narrador. A Matemática aceita a soluçao de seus problemas dentro de parâmetros estabelecidos como verdadeiros pelos seus procedimentos, como se fossem inanimados. A estrutura da língua, são  recomendada a partir da repetiçao de suas próprias regras.

Esta é a expressão fragilizada da educação, pois só reconhece a construção do conhecimento exatamente como o temos. As contribuições dos alunos tem sentido quando capazes de revelar suposta criatividade, que nada mais representa que a capacidade de combinar informações já conhecidas.

Podemos ter a perspectiva crítica, atrelada numa atividade de reproduzir as regras e valores existente; colocamos todo o conhecimento humano para validar o existente. Isto manifesta nossa incapacidade de reconhecermos em cada um o caráter eminentemente criativo. A densidade de significados que cada um tem para instaurar o mundo sucumbe a um tipo de realidade; tudo se desmancha diante de uma das formas de existir do existente. Passamos a ser acessórios e secundários diante dos objetos e tornamo-nos positivistas sem mesmo o desejar.

A educação dialógica destrói realidades, pois não são maiores do que seu criador. A criatura, ou seja, uma realidade exteriorizada, mesmo que socialmente validada, não pode ter “anima” própria, não possui significados outros senão os atribuídos pelo homem, seu criador.

A educação dialógica também destrói exterioridades resgatando novos significados. Ao destruir exterioridades, permite a cada um estabelecer-se como singularidade. A voz de outras exterioridades não é, portanto, expressão última do mundo, obrigando o homem a tomar-se como síntese aglutinadora.

Não há, desta forma, relação de hierarquia na atitude de expressão do mundo, mas antes um mesmo patamar de princípio. Isto não significa que há um único nível de vivências culturais. Estas podem ser mais ricas, ou bem articuladas, não se constituindo, por isso, como expressão verdadeira, ou mais verdadeira, pois não há como afirmar o Belo, o Justo e o Verdadeiro como coincidentes e pré-existentes.

A vivência cultural e o diálogo conquistam para a consciência sua capacidade de ser autônoma, crítica, tolerante e auto-corretiva. Autônoma, pois reconhece na consciência o poder de instauração e significação do mundo; é tolerante, pois entende que cada um é fonte singular de expressão, tomando os juízos de valor pré-existentes como algo relevante, que merece ser levado em consideração, mesmo que não seja portador de substancialidade. É crítica, para outorgar ao homem o elemento substantivo do conhecimento; a natureza deixa de ter vida independente do homem. É ainda auto-corretiva, na medida

em que reconhece, pelo encontro das consciências, outras formas de estabelecimento e de constituição da episteme. Está aberta a aspectos até então não desvendados. Não se submete a outras exterioridades, mas as leva em consideração como problema a ser enfrentado e superado.

Para tanto, natureza e homem coincidem como episteme. Não está aqui colocado sob suspeita o existir do existente, mas seu instrumental valorativo passa a ser reconhecido como pertencente ao humano. Os conteúdos da natureza não são alheios ao homem, ou seja, o mundo que nos cerca é humano e compete ao humano atribuir significados tais, que sejam capazes de instigar a crítica cada vez mais repleta de significação.

Em nome do diálogo tem-se criado uma sociedade monolítica, que é portadora de única expressão do real, que só reconhece signos e não significados, que reconhece o objeto, mas não seu criador. Reconhecemos nas coisas sua densidade, seu uso, sua cor, sua textura, seu valor de uso, seu valor de troca, atribuímos a elas poder mágico tal, capaz de garantir a quem as possua “status” diferenciado. Secundarizamos o homem, submetendo-o à normatividade do mundo dos objetos. Relevamos o homem a patamar dependente e menos expressivo. Um dos seus subprodutos é o império do ter, não do ser.

Isto obriga o homem a articular discurso sobre o mundo que somente reconhece a expressão do objeto como sendo o dizer verdadeiro. Há completa inversão e o homem passa a dialogar com o mundo. Quixotesicamente o homem luta contra os moinhos de vento que foram criados, descredencia-se como interlocutor com outros homens. Pura inverosimilhança.

Todas as relações do homem no mundo passam a ser acessórias, tergiversam sobre realidades instauradas, digladiam por teorias que pretensamente mais se aproximam do “real”, sem reconhecerem-se como seus legítimos criadores.

Esta sociedade monolítica, de signos únicos, obriga cada um a anular sua consciência, sua interioridade, afim de que a práxis social, prisioneira da forma de expressão mundo, possa ser absorvida e reconhecida como a única verdade das coisas. O discurso sobre as coisas, se não estiver validado pela expressão reconhecida socialmente, torna-se opinião ou manifestação da

irracionalidade, outro subproduto temeroso da razão. A interioridade passa a ser descartável, em detrimento do discurso descritivo e científico.

Mas o diálogo ilumina o homem de maneira especial, reconhece nele a capacidade de reproduzir e plasmar fora de si o mundo no qual vive. O homem cria e cria-se, produz as condições materiais e espirituais de sua vida, cria o visível e o invisível, porém, esta criação não se dá a partir do individualismo, a partir das “Robinsonadas”, já citadas por Marx, antes acontece sob determinadas condições herdadas, se dá a partir de uma práxis social, historicamente constituída. As realizações passadas se constituem elemento importante, num patamar a partir do qual se olha para o futuro.

Este patamar fundante deve se constituir não como horizonte único, mas como interlocutor que precisa ser superado, que precisa ser constituído também como exterioridade, que irá dialogar inexoravelmente com outras exterioridades. Desafio, contradição e enigma que serão diluídos pelo diálogo. Não neutraliza a singularidade, constitui-se como o modo de expressão da sociedade, como forma de constituição também humanizada do mundo, não inibe a capacidade instauradora. Reflete horizontes comuns, razão interpretativa, de onde partem as singularidades.

Pois o homem não vem ao mundo de forma acabada; se constitui e constitui; cada manifestação sua é ato criador. Ao mesmo tempo em que cria a semente, cria o fruto; ao criar o fruto, instaura a semente; ao criar o algodão, cria o tecido; ao instituir o tecido, dá significado ao algodão. Tudo é expressão não da dialética da natureza, mas desta dialética da criação, pois tudo é expressão do esforço de humanização do mundo.

Pensar, opinar, discutir, reconhecer-se como singularidade garante antes de mais nada a sociedade plural, criativa e de múltiplos significados, rica na densidade do seu mundo, distante da destruição do significado e da concretização do Império dos Signos, da Ditadura da Aparência.

O diálogo instaura o criador. Institui o semi-deus que dá sentido ao mundo, instaura e reconhece a cada um como personagem fundamental e importante, pois reconhece no homem a capacidade de nominar o mundo. O diálogo é a expressão do confronto igual entre desiguais, onde cada um só pode sair como único vencedor, onde não é permitido curvar-se diante das singularidades com que se depare, nem desejar para si discurso secundário,

mas antes sentir-se atraído pela capacitação cada vez mais segura do ato de criar.

O homem, pelo diálogo leva em consideração o que é dito, mas não o toma como absoluto, pois é a expressão de outra singularidade que não a sua. Ao absorver simplesmente a expressão de outros, revela-se como falso pois, reproduz impressões que não são genuinamente suas, abdica da condição de criador, pois torna-se apenas reprodutor, revelando sua infidelidade consigo mesmo, pois não nomina o mundo, mas o faz segundo o já estabelecido.

O diálogo surge como a expressão do Olimpo, onde não há necessariamente hierarquização valorativa, nem a busca do substantivo mais que perfeito. Diante das personalidades divinas, não há como comparar a expressão singular dos deuses, não há como afirmar que Marte seria mais importante ou belo que Vênus; seria falsa a expressão de comparação entre Athena e Ceres, pois singularidades não se comparam. Não há como transpor a hierarquia dos objetos, a lógica do mercado, que necessita de equivalentes de valor, para o Olimpo, nem mesmo para a humanidade.

O Olimpo e a sala de aula se confundem na expressão de atenção para as diversas manifestações que os deuses tem diante da vida, e nas diversas contribuições que diferentes indivíduos tem para com os mesmos problemas. A riqueza está na diversidade, na expressão das singularidades sem hierarquias, sem método verdadeiro, sem caminho único, sem padrão determinado.

No Olimpo os deuses são. Na sala de aula cada um pode ser não a expressão do professor, ou de grupos, mas a expressão de si mesmo. Reconhecer-se como Zeus e ser fiel ao seu pontificado, não para dominar, mas para criar.

Esta alegoria é fundamental, para que compreendamos a atitude que temos que ter diante da sala de aula, na construção do diálogo. Se desejarmos estabelecê-lo, fundamentalmente temos que reconhecer em todos um deus, devemos reconhecer e valorizar Marte, Eros, Ceres, Hermes, Zeus, Athena, Poseidon, e não subjugá-los à única expressão de comportamento socialmente valorizado; antes, devemos garantir a possibilidade de expressão da singularidade, devemos garantir o exercício único da divindade criadora, e devemos reconhecer em nós mesmos este pleno exercício. Devemos reconhecer e reconhecer em nós a dignidade da capacidade criadora.

O pensar e o diálogo representam atitudes cuidadosas e deliberadas; não são a expressão de momentos inconscientes e inseqüentes; são, antes de mais nada, expressões da autenticidade do homem diante do mundo, por isso há de ser reconhecida como a deliberação de cada um. A atitude que o artesão tem diante de qualquer matéria revela o ato cuidadoso e deliberado. Cuidadoso, pois representa não simplesmente a opinião, mas a expressão da interioridade, reconhecendo em si o potencial instaurador; e deliberado, pois nega o que tem em mãos, sua realidade aparente, atribuindo-lhe forma e significado, inaugurando uma nova realidade, nova realidade humana. Cuidadoso e deliberado, pois na medida em que se funde com a materialidade do objeto, reconhece que desta dialética, não é possível reconhecer criador e criatura, sujeito e objeto; crê somente que é possível reconhecer o ato humano, atribuído.

Diálogo é, portanto, a expressão do desejo e da necessidade. Não há sentido falarmos em re-criação, em re-construção, pois implicam no reconhecimento da existência de algo, cabendo apenas, um discurso secundário sobre as coisas, que tome sempre referência o pré-existente, subalternizando a atitude criadora a um já estar-aí, comprometendo o ato genuinamente instaurador.

Toda revelação da interioridade, implica necessariamente na criação e na edificação do mundo. Re-criar é o mesmo que respeitar a ordem existente e valores anteriormente estabelecidos.

Dewey, em “Democracia e Educação”, afirma: “*O aluno deve ser educado de modo a possuir iniciativa individual*” (p.94). A nossa educação não reconhece a possibilidade da iniciativa diante do mundo, de atitudes singulares, pois não reconhece individualidades, mas indivíduos que devem se informar (aprender) sobre o mundo. Anulamos a possibilidade do encontro de consciências, e temos a instauração da prática pedagógica que neutraliza e entorpece as consciências, afim de que o discurso monolítico e as verdades da sociedade sejam introjetadas.

Então reconhecemos como ato educativo a atitude dos despojados da consciência, desfigurados como homem, de estabelecerem em sala de aula um tipo de conhecimento como sendo a verdade sobre o mundo e sobre o próprio homem.

Esta é a expressão do discurso secundário, da “re”criação, da “re”invenção, falsamente humana, já que a verdade está fora do homem. Se está fora resta o silêncio da voz interior, para que a voz da exterioridade não seja perturbada pelos “ruídos” da consciência, revelando-nos o Verdadeiro, o Justo e o Belo do mundo.

O diálogo é fértil, pois procura levar outras consciências em consideração e, portanto, outras realidades em consideração. Ao tornar vivo outras realidades, o homem se obriga a re-fundar os atributos que dá ao mundo, Ann Sharp, em “Comunidade de Investigação e a Transformação do Self”, cita Charles Taylor, que afirma *que “a autenticidade implica em criação, construção e originalidade”*; é possível afirmar que a relação inversa nos revela um significado mais coerente. A expressão de que o exercício da originalidade, o ato deliberado da construção e a possibilidade da criação implicam decisivamente no estabelecimento da autenticidade e da singularidade do homem.

O diálogo não representa simples narrativa do mundo, pois não encara a Filosofia como fonte de informação para o mundo; a entende como “locus” inspirador, como elemento instigador para o homem. Não nega a tradição filosófica, mas a toma como sendo a expressão, a atitude genuinamente humana. Não encara a Filosofia como a expressão definitiva do Belo, do Justo e do Verdadeiro, não impõem hierarquias para o saber, mas o entende como expressão de interioridades que se exteriorizaram ao longo do tempo.

Reconhece na Filosofia e em cada filósofo a cultura humana acumulada; não a concebe como dizer único; busca inspirar-se nesta atitude profunda e radical do exercício da singularidade o modelo, para que cada um possa reconhecer-se como personagem único neste Olimpo que pode ser a sala de aula.

### Bibliografia

DEWEY, John. Democracia e Educação. São Paulo. Nacional, 1979.  
SHARP, Ann. Comunidade de Investigação e a transformação do self. 1996. mimeo.